



SANTANA, Jussilene. Matrizes e Modelos Norte-Americanos na administração Martim Gonçalves da Escola de Teatro da Bahia (1956-1961). Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida; Atriz e professora doutora.

Resumo: A comunicação apresenta diferentes elementos de origem norte-americana atuantes na administração Martim Gonçalves da Escola de Teatro da Bahia, entre os anos de 1956 a 1961. O trabalho é um desdobramento do doutorado *Martim Gonçalves – Uma Escola de Teatro Contra a Província*, pesquisa pioneira que propôs uma narrativa interpretativa para a primeira administração da unidade de ensino teatral, primeira no Brasil ligada a uma instituição de ensino superior, a UFBA. Para além das relações com os americanos, a Escola da Bahia, no período, contou com a colaboração de artistas e profissionais de outras 14 nacionalidades.

Palavras-Chave: Teatro, Bahia, Universidade, Jornalismo, Moderno, Martim Gonçalves.

Abstract:

This paper presents and comments various american elements acting on the Martim Gonçalves Administration at Bahia Drama School, from 1956 to 1961. The work is an consequence of doctoral ‘Martim Gonçalves - A Drama School Against Province’, pioneering research that has proposed an interpretative narrative for the first administration of the theater teaching unit, first in Brazil related to an institution of higher education, Bahia Federal University, UFBA. Beyond the american relations, the Drama School of Bahia, during that time, have had collaboration of artists and professionals from 14 other nationalities.

Key-words: Bahia, Theater, University, Journalism, Modern, Martim Gonçalves.

A Escola de Teatro da UFBA foi a primeira unidade de ensino do teatro ligada a uma instituição universitária a surgir no Brasil. A tese de doutorado *Martim Gonçalves – Uma Escola de Teatro contra a Província*, defendida pela autora do presente artigo, investigou as diretrizes e competências que seu fundador e primeiro diretor, Martim Gonçalves, estabeleceu para a mesma, com o objetivo de compreender os motivos que levaram ao polêmico ocaso de sua administração (1956-1961), inclusive analisando os porquês dessa história – capital para o entendimento do ensino universitário da área no país – ter permanecido por mais de meio século no esquecimento.

Durante os seis anos que durou sua administração, Gonçalves transformou a Escola da Bahia num centro profissionalizante de excelência, único no país, funcionando em intenso intercâmbio de professores, alunos, técnicos e artistas do Brasil, EUA, Europa e Oriente, com profundos reflexos para a vida cultural baiana, lançando mesmo, com ex-alunos e atividades frutificadas em seus ‘laboratórios’, novos rumos para a cultura brasileira, em especial para o cinema, a televisão, a música e, obviamente, o teatro. Entre

seus ex-alunos, estão Glauber Rocha,¹ Othon Bastos,² Antonio Pitanga, Helena Ignez, Orlando Senna, Geraldo Del Rey, Otoniel Serra, Paulo Gil Soares³, entre outros artistas com menor fama nacional.⁴

Ainda nessa primeira administração, a Escola inaugurou um pequeno teatro para cerca de 200 pessoas, promoveu quase uma centena de eventos multidisciplinares nas áreas de artes e cultura, produziu 28 montagens, a maioria de textos inéditos, articulou a escrita e tradução de textos dramáticos e da área, publicou 15 edições de uma revista analítica – que funcionava como programa – sobre teatro, a *Repertório* –, articulou a realização de aulas públicas e fechadas, além de ter promovido uma inusitada ponte aérea, sem escalas efetivas no RJ e SP, entre Salvador e Nova Iorque, Londres e Paris. Vale ressaltar que foi na Escola da Bahia onde foram gestados os primeiros passos para a tradução da obra de Constantin Stanislavski para o português e implementadas as primeiras experiências de cursos de direção teatral e interpretação ligados a uma instituição universitária, ainda em 1956, com um substantivo histórico de questões, debates e soluções, cujo conhecimento em muito contribuiria para o avanço dos estudos da área no Brasil.⁵

O objetivo dessa comunicação é, diante de um horizonte amplo de parcerias com professores e artistas de 14 nacionalidades, destacar e comentar os diferentes elementos de origem americana atuantes na administração Gonçalves, ação que serviu de contrapeso para as matrizes de origem francesa e italiana, também presentes na instituição, e mais estudadas na história/formação do teatro brasileiro. A força da matriz americana estaria presente em inúmeras ações e intervenções ocorridas durante a primeira administração da ET da Bahia, mantidas em especial através de substantivo convênio de transferência de verba e tecnologia com a americana Fundação Rockefeller, o que possibilitou a concretização de basilares atividades da unidade.

¹ Glauber Rocha abandona a Faculdade de Direito da UFBA no final de 1957. Em 1958, ele começa a frequentar, mais assiduamente, para além dos espetáculos da Escola de Teatro, as aulas da instituição, onde também estuda a atriz Helena Ignez, que se tornará sua primeira esposa. Apesar de nunca ter se matriculado como aluno oficial – algo que se explicaria tendo em vista a mentalidade da época – Glauber era aluno assíduo, o que o faz ser lembrado nos escritos memorialísticos de diversos professores que passaram pela casa, entre eles, o português Agostinho da Silva.

² Othon Bastos pouco antes da formatura, em 1959, se desentendeu, juntamente com um grupo de alunos, com o diretor Gonçalves, o que acarretou na sua não formatura oficial na instituição.

³ Tanto Senna quanto Gil Soares, alunos que passaram pelos cursos de direção, tiveram maior destaque na área do cinema e da TV. Ambos dirigiram filmes, sendo que o primeiro teve destaque como diretor geral da TV Brasil (2007/2008) e o segundo, em especial, como articulador do Globo Repórter, na década de 1970/1980.

⁴ Merecem destaque pela promoção do meio teatral baiano: Jurema Penna, Nilda Spencer, Carlos Petrovich, João Gama, Haydil Linhares, Sonia dos Humildes, Anatólio Oliveira, Eduardo Cabús, Roberto Assis, Lia Mara, Álvaro Guimarães, Nevolanda Amorim, Manoel Lopes Pontes, Sonia Robatto, Mario Gadelha, entre outros.

⁵ A burocracia da UFBA à época não permitiu de imediato que os cursos em artes (a Universidade também cria os de Música e Dança) sejam “de graduação”. A ET é reconhecida como uma figura administrativa apenas em maio de 1958 e, ainda assim, com a finalidade de “extensão”. Nos anos 1970, e somente o curso de direção, será compreendido como um curso de bacharelado. Contudo, apesar desses infortúnios burocráticos, a referida tese aponta para a necessidade de se entender o ensino ocorrido durante essa administração como efetivamente universitário, pela oferta de aulas, e pelo direcionamento pedagógico.

Antes de ser convidado para dirigir a Escola da Bahia, Gonçalves já possuía formação em Artes na Inglaterra e França. Apesar de médico, formado em 1941, na Universidade de Pernambuco, estudou Cenografia e Teatro através de bolsas do governo inglês e francês no *Ruskin College*, de Oxford, e na *Slade School of Fine Arts*, em Londres. Gonçalves também foi estagiário da Companhia Old Vic, no período de Lawrence Olivier (1944-1946), e estudou Cinema no *Institut des Hautes Etudes Cinématographiques* (IDHEC), atual *La Femis*, em Paris (1949-1950). Entre outros aprendizados, como fluência nos idiomas, essas experiências o haviam apresentado o ensino universitário inglês e europeu. Na Europa, a prática teatral não se aprende na universidade; o espaço privilegiado para isso é a inserção do interessado num grupo ou companhia, ou mesmo num conservatório. Na Inglaterra, ocorre o mesmo procedimento, com o detalhe de que as disciplinas universitárias de literatura se encarregavam de divulgar os clássicos em língua nacional, também no formato drama, a partir de montagens amadoras, promovidas por professores. Nesses país e continente, há uma sólida diferenciação entre as rotinas e locais: na universidade, o foco é a formação de teóricos do teatro (historiadores, professores, críticos), enquanto fora dela são formados os práticos (os artistas propriamente ditos). Foi apenas nos EUA que Gonçalves reconheceu uma saída para estruturar o ensino prático-teórico das Artes (especificamente a teatral) dentro de uma instituição universitária brasileira.

A primeira ida de Gonçalves para os EUA se deu exatamente após o aceite da reitoria baiana, através de uma bolsa do governo americano (*Fulbright* e Departamento de Estado), no final de 1955, com o objetivo expresso de observar a estrutura dos cursos universitários e a organização dos métodos do ensino das artes no país. O ensino das artes em universidades e *colleges* americanos existe desde o início do século XX, empregando esforços tanto na graduação, quanto na pesquisa e extensão. E nesse triunvirato, mais tarde alardeado como o segredo da instituição universitária baiana, também residirá a força da intervenção cultural perpetrada pela Escola de Teatro em Salvador.

A federal baiana desde o início dos anos 1950 possuía ligação com institutos, programas e universidades americanos, especialmente na área de saúde. Roberto, o filho do então reitor, Edgard Santos, ambos médicos, havia complementado a formação universitária nesse país – ao contrário de seu pai que seguiu o destino de sua geração indo para a Europa – também através de bolsas, e tinha notado como a presença das artes através de atividades abertas à comunidade acadêmica e ao público em geral, dava unidade e integração ao ambiente universitário. A citada tese de doutorado defende que foi a busca dessa “vida universitária” para a instituição baiana – que há menos de dez anos havia sido formada a partir da reunião de centenárias faculdades arredias ao espírito integracionista-universitário, – o que motivou a reitoria, apesar das resistências de instituições e agentes locais, a investir nessa então inusitada experiência para o Brasil.

Na primeira de muitas viagens aos EUA, Gonçalves passou quatro meses no país, visitou 11 instituições de ensino, em sete cidades. Foram elas: *School*

of Drama, da Yale University; Howard University; Harvard University; Tufts University; Wellesley College; Emerson College; Columbia University; Boston University; The Catholic University of America; Actor's Studio; Berghof Studio. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre essas visitas, mas fica claro como o diretor aprovou a 'solução americana' para o equilíbrio difícil entre prática e teoria no ensino das artes, e utilizou o modelo americano administrativo-pedagógico como base para estruturar sua Escola de Teatro na Bahia. Dentre todas as instituições visitadas, merecerá destaque a Escola de Teatro da Universidade de Yale – que possuía uma estrutura de ensino ainda mais específica entre as escolas americanas, funcionando quase que como um conservatório (reunindo diferentes cursos e basilarmente voltada para a formação prática a partir da montagem de espetáculos/cenas), unidade que visitaria com assiduidade pelos próximos cinco anos e com a qual faria inúmeras parcerias e intercâmbios com Salvador. A primeira influência sente-se no nome: após especulações na imprensa para a criação do Conservatório Teatral, a reitoria inaugura em agosto de 1956 a *Escola de Teatro*, da Universidade da Bahia. Mas, em breve, as diferenças em relação a estrutura acadêmica de então começam a saltar os olhos: usa-se os nomes de matéria/disciplina para o que antes era chamado de *cátedra*; emiti-se um *certificado* (solução de Yale) para aqueles que, não possuindo bacharelado, finalizassem o curso, entre outros pontos explorados com mais profundidade na tese.

Ao voltar para Salvador, em maio de 1956, Gonçalves organiza duas palestras onde repercute parte dessas pesquisas pedagógico-administrativas: *O Teatro Americano* e *O Ensino da Arte Dramática nos EUA*. A partir daí e pelos próximos cinco anos se multiplicarão as ações e parcerias com os americanos. Entre elas, destacamos a montagem das peças: *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, com nova tradução do professor da ET, Brutus Pedreira; *Por Um Triz*, de Thornton Wilder, primeira tradução de um drama realizado por Bárbara Heliodora; *A História do Zoo* e *A Morte de Bessie Smith*, de Edward Albee, pelo jovem professor da ET, Luis Carlos Maciel; *O Tambor de Damasco* e *Sotoba Komachi* do japonês Yukio Mishima e *O Crime de Han*, de Shiga Naoya, traduzidos do inglês por Clarice Lispector e *O Moço Bom e Obediente*, de Betty Barr e Gould Stevens. Vale ressaltar que a Escola se estrutura sobre três departamentos (também chamado de setores): Um de Ensino; Outro de Documentação (responsável por um inédito *Museu do Teatro* e pelas exposições); E o de Tradução (responsável pelas traduções de peças e textos das mais diferentes línguas). Cabe informar que foi através desse setor que começou a ser gestada na ET a tradução para o português da trilogia de Stanislavski, via Gonçalves e os contatos americanos.⁶

Na lista de intercâmbios, a vinda de artistas-técnicos-professores americanos: o iluminador-inventor George Izenour, o diretor Charles McGaw, o iluminador Robert Bonini; o professor de roteiros Stanley Richards, o diretor Herbert Machiz, o professor de direção Jack Brown e a professora e coreógrafa

⁶ Martim Gonçalves, como coordenador do Programa de Teatro da Diretoria do Ensino Superior do MEC (a partir de 1962), promove a publicação e divulgação da obra de Constantin Stanislavski, com o lançamento no Brasil, sob sua orientação, pela Editora Civilização Brasileira, de *A Preparação do Ator*, *A Construção da Personagem* e *A Criação do Papel*, com tradução de Pontes de Paula Lima.

Juana de Laban, filha de Rudolf Von Laban. A maioria vinda numa das três edições do Seminário Internacional de Teatro (ocorridas entre 1959 e 1961, em julho/agosto, exatamente nas férias do Hemisfério Norte). E a ida dos alunos-bolsistas enviados para os EUA: Ana Edler, Luis Carlos Maciel e Eduardo Waddington. A ET recebeu ainda a aluna-bolsista Nedra Scher. Boa parte dessas ações e intercâmbios foi custeado pelo convênio entre a ET/UFBA e a Fundação Rockefeller, através da transferência de U\$ 28 mil,⁷ o que ainda possibilitou a instalação de uma inovadora mesa de luz em conexão com refletores, a primeira da América do Sul, e as ações do Museu do Teatro (também chamado de Museu Vivo), como a famosa exposição *Bahia*, na V Bienal de São Paulo, a gravação de uma roda de candomblé completa, com o apoio do fotógrafo-etnólogo francês Pierre Verger. Todas essas ações que ajudaram a formar, mesmo que de forma breve, porém profunda, a face que a cultura baiana assumirá nas próximas décadas.

Referências

SANTANA, Jussilene. ***Martim Gonçalves: Uma escola de teatro contra a província***. Orientador: Prof. Dr. Ewald Hackler. Tese (doutorado) - UFBA, Escola de Teatro, 2011. 776p.

⁷ Em moeda brasileira: Cr\$ 1.600.000. Para ter uma breve noção de valores, uma geladeira – eletrodoméstico então de luxo – custava Cr\$ 100,00. E o câmbio cruzeiro/dólar nesses anos estava completamente favorável ao último.